



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE FORMAÇÃO E LICENCIATURA EM PSICOLOGIA**

**MAÍSA CAVALCANTI DE FARIAS**

**DESEJO DOS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA NOVA  
CONFIGURAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

MAÍSA CAVALCANTI DE FARIAS

DESEJO DOS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA NOVA  
CONFIGURAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao curso de Psicologia da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como exigência para a obtenção das  
titulações de bacharelado e licenciatura  
em Psicologia.

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Jailma Belarmino Souto**

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F224d Farias, Maísa Cavalcanti de.  
Desejo dos pais na contemporaneidade [manuscrito] : uma nova configuração / Maísa Cavalcanti de Farias. - 2016.  
29 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Constituição do sujeito. 2. Desejo. 3. Desejo do par  
parental. 4. Psicanálise. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

MAÍSA CAVALCANTI DE FARIAS

**DESEJO DOS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA NOVA  
CONFIGURAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada ao Programa de Graduação  
em Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito para à  
obtenção do título de Bacharela e  
Licenciada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jailma  
Belarmino Souto


Aprovada em 19/10/2016 .

*Márcia Candelária da Rocha*

Prof<sup>a</sup> Mestre Márcia Candelária da Rocha / UEPB  
Examinador

  
Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB  
Examinador

*Jailma Belarmino Souto*  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Jailma Belarmino Souto / UEPB  
Orientadora



## AGRADECIMENTOS

A vida é constituída de escolhas, e a psicologia foi uma das escolhas feita por mim, a princípio sem saber exatamente porque havia feito. No entanto, com o passar dos anos, fui encontrando meu lugar. Nesse caminho conheci a psicanálise, vou confessar que não foi amor à primeira vista, pelo contrário, algo nela me incomodava, até pensei em deixa-la para trás, mas apesar de todo incomodo, e posso dizer que até raiva por não conseguir entende-la, algo me prendia a ela. Foi então, que mais uma vez sem saber porque, eu estava ali me envolvendo e aproximando da tão inexplicável, para mim, psicanálise!

Durante esse percurso encontros e desencontros aconteceram, pessoas passaram em minha vida, algumas permaneceram, outras deixaram marcas, mas partiram, outras que apenas passaram, e outras que sempre estiveram ao meu lado em todos os caminhos percorrido por mim desde antes da minha vinda ao mundo.

Portanto, venho aqui agradecer a Deus pelo dom da vida, por estar sempre comigo, e por me presentear com uma família que se faz presente e fundamental para meu existir. Sendo assim, agradeço aos meus pais, Edvan e Núbia, pelo desejo de me terem como filha, e por todo empenho e sacrifício para me proporcionar sempre o melhor. Aos meus irmãos, Micaela, Maíra, Mainara e Micael, que cada um com seu modo de ser, sempre estiveram presentes, me ajudando, e apoiando, nossa união é singular, é única. Amo vocês!

A Augusto, meu namorado, que com todo amor e delicadeza, esteve me apoiando, me fortalecendo, nessa caminhada tão árdua, porém, gratificante. Obrigada, por toda paciência, e confiança depositada em mim, te amo!

Agradeço a Lizanka, Marina e Viviane, que estiveram presentes e compartilharam comigo cada desafio e conquista, que se fizeram fundamentais nesse momento de encerramento, e na construção desse trabalho. Muito obrigada por essa amizade e companheirismo, o qual será levado comigo onde quer que eu esteja. Nesse caminho tive o prazer e sorte de ter comigo, também, Mayanne, Patrícia, Bruno e Cassiano. Agradeço a amizade construída, os momentos vividos, as trocas realizadas. Cada um com seu jeito de ser, fizeram a diferença e deixaram marcas em minha vida.

Aos que nesse percurso, me apresentaram a psicologia, e são exemplos de profissionais que estão para além do ensino, que causam o desejo àqueles que tiveram o privilégio de ter seu caminho cruzado com o deles. Assim, agradeço a Márcia

Candelária, Sibelle Barros, Marinalva Mota, Andréa Xavier, Tanise Souza, e Jailma Souto. Agradeço à Pauleska Nobrega, Rochelle Melo, Raquel Ferreira, Jailma Souto e Myrna Maracajá, por se fazerem fundamentais ao meu encontro com a psicanálise.

Agradeço a Fábio e Paschoal, que com toda dedicação, e preocupação me acolheram, nesse momento inicial e fundamental para minha construção profissional e pessoal na clínica.

Por fim, em especial, agradeço a Jailma Souto, por toda sua dedicação, carinho, e paciência nesse momento tão importante em minha vida. Obrigada, por apostar em mim, na minha escrita, a qual eu tanto desacreditava. Não encontro palavras para agradecer e expressar o quanto ela, com toda a sua delicadeza, é especial. Obrigada a todos!

*“Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo.”*

*Jacques Lacan, Seminário 10, p.193.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA .....	11
1.1 A Sociedade Contemporânea e as novas formas de constituição do sujeito.	11
1.2 Configuração do desejo dos pais para a psicanálise.....	12
2 MÉTODO.....	14
2.1 Participantes.....	14
2.2 Instrumentos.....	14
2.3 Procedimentos de coleta de dados.....	14
2.4 Procedimentos de análise de dados.....	15
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
3.1 Ficha de dados sócio demográficos: perfil dos participantes.....	15
3.2 Entrevistas com roteiro semiestruturado.....	16
3.2.1 Desejo: um saber que não se sabe.....	16
3.2.2 Demanda de amor: a queixa do neurótico.....	20
3.2.3 Contemporaneidade: declínio do Nome-do-Pai.....	22
3.2.4 Repetição: “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos ..	24
pais”	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
5 REFERÊNCIAS.....	28



## DESEJO DOS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA NOVA CONFIGURAÇÃO

FARIAS, Maísa Cavalcanti de<sup>1</sup>

### RESUMO

Existir não corresponde a viver, por essa razão uma criança já tem lugar na família antes de sua chegada física ao mundo. Embora a morada prévia seja condição necessária para o nascimento, no entanto, nem sempre é percebida quanto a sua importância. Nesse momento inicial há um afastamento de qualquer conotação biológica, e depende de uma construção simbólica referente ao desejo dos pais quando decidem por ter um filho. Sendo assim, a existência de um ser humano está atrelada ao desejo do Outro. Desse modo, este trabalho objetiva analisar no discurso dos pais, contemporâneos, a configuração do desejo de ter um filho, para isso, a amostra desta pesquisa é constituída por 13 (treze) pais, maiores de dezoito anos, cujos os filhos estavam em atendimento na Clínica-escola de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I. Tendo em vista que este estudo se desenvolve a luz do referencial teórico psicanalítico freudiano e lacaniano não é passível de controle e replicação experimental, uma vez que a pesquisa em psicanálise se propõe a ser um saber do singular, tendo como objeto central as manifestações inconscientes produzidas nas lacunas dos discursos dos sujeitos. Entretanto, lendo no Um a Um, pode-se inferir, nos discursos dos entrevistados a repetição significativa que permitiu elencar os seguintes eixos: desejo: um saber que não se sabe; demanda de amor: a queixa do neurótico; contemporaneidade: declínio do Nome-do-Pai; e repetição: “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”. O percurso desenvolvido nessa pesquisa permitiu verificar que o desejo de ter um filho é marcado pelo romance familiar vivenciado por cada um, de acordo com o mito familiar construído por eles.

Palavras Chave: desejo do par parental, constituição do sujeito, contemporaneidade.

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade observa-se a fragmentação das representações de mundo, dos ideais e a multiplicação das modalidades de laço social. O sujeito fruto da contemporaneidade, é afetado pelas consequências radicais de profundas transformações no contexto social. Ocorrem mudanças em todos os âmbitos, os valores e princípios que regem a organização social não são mais os mesmos, obedecem a lógicas diferentes, isto é, o mundo globalizado dita novos parâmetros. É notório na mídia os excessos de ofertas, nas informações generalizadas que ditam novos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
E-mail: maisacavalcanti10@gmail.com

paradigmas, oferecendo uma enorme série de objetos de consumo que, em alguma medida, prometem tamponar aquilo que falta ao sujeito.

Dessa forma, as mudanças estão atingindo também as relações familiares, que na atualidade se modelam com novas configurações, afetando as relações entre pais e filhos, ocasionando, muitas vezes, uma ruptura de funções, lugares e saberes sobre a família tradicional. Em consequência disto, o lugar da infância toma um novo rumo nesse atual contexto familiar. Com a queda das configurações de valores verticais, baseados no pai, no chefe, em que uma figura de autoridade tinha seu lugar definido e indicava aos demais o seu lugar na configuração familiar, modelo da família nuclear. Em vez dessas definições nucleares asseguradas por muitas gerações, a contemporaneidade nos apresenta a queda desse modelo verticalizado, e a ascensão de novos modelos que ainda se organizam e tentam reconhecimento.

Nesse sentido, há uma perda de referências que conduz a uma busca sem que exatamente sabe-se onde está o referencial. A primeira referência encontrada é a que está à vista: no lado a lado, de modo, horizontalizada a partir da experiência do outro semelhante e de sua publicação sobre esse fato particular, agora público (FORBES, 2012).

Tendo em vista, que a função de um par parental com seu filho jamais foi uma tarefa simples. Convocar uma criança à vida e responder por esse desejo diante do outro social faz reeditar para esses pais seu próprio mito familiar. Na atualidade, essa questão tem se tornado ainda mais complexa. Sendo assim, este trabalho, é uma pesquisa de campo, qualitativa, referendada na psicanálise em Freud e Lacan, cujo objetivo principal é analisar no discurso dos pais, na atualidade, a configuração do desejo de ter um filho. Como objetivos específicos propôs-se a investigar as motivações do par genitor ao decidir ter um filho; identificar e analisar os elementos que sustentam o desejo de ter um filho na contemporaneidade; e, por fim, analisar as transformações da maternidade e paternidade na contemporaneidade.

## **1. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 A Sociedade Contemporânea e as novas formas de constituição do sujeito**

No texto “Mal-estar na civilização” (1930/2010) Freud aponta a impossibilidade do humano conseguir a felicidade no contexto da civilização, haja vista que o mundo civilizado requer renúncias individuais para um fim coletivo. No referido texto ele

distingue três fontes de sofrimento do homem: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no estado e na sociedade. Com isso, ele afirma que o que chamamos de civilização é a responsável por grande parte do sofrimento que sentimos.

Diante da nova configuração em que a sociedade se encontra, diversos teóricos tentam explicá-la, nomeando-a de várias maneiras como a pós-modernidade de Lyotard (2002), a alta modernidade ou modernidade tardia de Giddens (2002), a hipermodernidade de Lipovetsky (2004) e a modernidade líquida de Bauman (2001). Deste modo, percebe-se um caráter de fluidez na sociedade atual.

Jacques-Alain Miller em seu texto intitulado *Uma fantasia* (2005) utiliza-se da expressão “homens desbussolados” para descrever o sujeito contemporâneo. Esse termo tem sido usado para representar a falta de um universal que ordene a esfera social e, conseqüentemente, dê um norte às identificações subjetivas.

Lypovetsky (2004), a partir do preceito de moral, separa as transformações que marcaram a humanidade até o momento atual em três fases. A primeira é a teologia, em que a moral está vinculada a ordem divina, esta fase vai até o final do século XVIII. A segunda foi denominada de moralista laica, na qual predominavam os princípios racionais e universais, baseados na natureza humana, sua duração é até meados do século XX. A terceira fase, sociedade atual, ele nomeou de pós-moralista, época em que não há mais uma ordem comum as pessoas.

A psicanálise apresenta essas mudanças a partir do que é denominado de função paterna, o Nome-do-pai. O pai edípico, para os psicanalistas, pós freudianos, era o suporte da função, o ideal, transmissor das identificações essenciais ao laço com a civilização. Sua expressão maior se fazia representar no campo do saber. Era representado, sobretudo, por sua função negativa, de agente da castração, propulsor do recalque e da instalação do inconsciente. Na hipermodernidade, dada a fragmentação das representações de mundo, dos ideais e a multiplicação das modalidades de laço social não é mais possível apreender a função do pai, a partir da universalidade do Complexo de Édipo, estabelecido por Freud. Fala-se, então, em “Nomes-do-pai”, para dar conta a esse momento fluido que caracteriza a sociedade contemporânea – corresponde a segunda clínica lacaniana (FORBES, 2012).

Afinal, quem são os sujeitos contemporâneos? Segundo Nepomiach (2005, p. 28) são:

Sujeitos que confrontados aos objetos de satisfação encontram-se ameaçados pela angústia. Sujeitos que desconhecem estar afetado pelo inconsciente e subvertido enquanto, viventes e, em consequência, desregrados por toda adaptação possível. Sujeitos cujo destino é estabelecer, no lugar da Lei, um contrato narcísico com o mundo.

Portanto, nota-se uma transformação entre o que estava sendo construída até a idade moderna para a sociedade atual, principalmente no que diz respeito a configuração da subjetivação dos sujeitos. Há uma nova organização da cena mundial, em que se destaca um empobrecimento da vida subjetiva, na qual o simbólico está cada vez mais precário. Ainda citando Nepomiach (2005, p. 27), ele afirma que atualmente assiste-se a montagem de uma nova cena no mundo, e como consequência disto ressalta-se “um tipo particular de degradação da vida subjetiva”.

## **1.2 Configuração do desejo dos pais para a psicanálise**

O desejo é um conceito de muito valor para a teoria psicanalítica, no entanto, não se trata da concepção naturalista ou biológica de necessidade. Para a psicanálise o desejo configura-se como sendo desnaturalizado e lançado na ordem simbólica. O desejo só pode ser pensado a partir de sua relação com o desejo do outro e o que é apontado por ele não é o objeto no real, mas uma falta (ROZA, 1985).

Tendo em vista, que o desejo para a psicanálise difere do conceito utilizado pelas ciências biológicas. Pode-se pensar como se configura o desejo dos pais, na atualidade. De acordo com Flesler (2012) antes de seu nascimento a criança já tem um lugar na família, os pais investem libidinalmente no bebê que está por vir. No entanto,

Embora o alojamento prévio seja uma condição necessária para que tal nascimento se produza, sua importância nem sempre é suficientemente destacada. É que esse momento inicial se afasta de qualquer conotação biológica e depende de uma ilusão, inerente ao desejo dos pais quando eles se propõem a ter um filho. Junto com esse desejo, engendra-se e desperta-se no melhor dos casos, uma ânsia sustentada de completude. Mais tarde, essa ânsia revelar na criança, da mesma maneira que o negativo de uma fotografia, como um movimento impulsor que levará, por sua vez, a se propor como aquela que, imaginariamente, cobre as expectativas provenientes do Outro (FLESLER, 2012, p. 39-40).

É evidente o lugar de desejo que as crianças têm expressado no discurso dos pais, anteriormente ao advento do nascimento destas. Desse modo, ao chegarem ao mundo,

as crianças passam por um primeiro momento de alienação, para só em seguida começar a promover a separação com o Outro<sup>2</sup>.

Freud (1909/2015) afirma que os pais são, inicialmente, a única autoridade e a fonte de toda a crença para a criança. O desejo da criança é de ser como seu pai e sua mãe, fase de identificação com o Outro, este desejo é o mais intenso dessa época, e que traz consequências para a vida do sujeito, pois ele precisa viver e atravessar essa fase, para que se configure como sujeito de estrutura neurótica. Com o tempo a criança reconhece outros pais, compara-os com os seus, e pode assim duvidar da natureza única e incompatível que atribuiu a eles.

Os registros históricos nos mostram que a infância é um conceito construído socialmente ao longo de cada recorte conjuntural. É na era moderna, com o advento da propriedade privada que em torno da criança e da necessidade de proteção à pertença econômica que o grupo familiar nuclear se constitui (ROSA & LACET, 2012). A psicanálise destaca a importância dos pais, enquanto portadores do mito familiar em torno do qual a criança vai se constituir e terá que responder, assim pela etiologia e escolha sintomática que cada criança faz nesse romance familiar.

Os pais foram inseridos na psicanálise desde a etiologia das neuroses proposta por Freud. Lacan quando faz a releitura da obra freudiana recoloca tanto o lugar real que os pais correspondem na produção da estrutura, como a importância, para qualquer sujeito, de estar inserido no desejo; de ter sido desejado pelos pais. A partir da expressão “desejo dos pais” surgem dois sentidos: desejo dos pais dirigido a um filho, que contém a variante do lado da mãe e do lado do pai, assim como, desejo dos pais entre eles, como homem e mulher (FLESLER, 2012).

Na mãe, o desejo do filho não surgiu apenas como uma consequência de uma falta ansiando tê-lo, mas também, de uma ilusão de obtê-lo. A existência do sujeito é antecipada pela mãe, mesmo quando ele ainda não é se quer um vivente (FLESLER, 2012). Lacan (1969-1970, p.105) em seu Seminário 17 diz que “o desejo da mãe não é algo que se possa suportar, assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso”.

---

<sup>2</sup> O termo “Outro” grafado com letra maiúscula tem sentido de grande Outro da linguagem (pode ser usado também com a grafia A de Autrem). Designa um lugar simbólico (tesouro dos significantes; o lugar onde o significante advém), a lei, a linguagem, o inconsciente. Lacan assim o designou estabelecendo diferença ao outro (com minúscula) que se refere ao semelhante, a relação especular imaginária (SILVA, J. S.O, 2006, p.43).

Sobre isso Campos (2015) afirma que diante de um momento em que a lei paterna hesita, emerge um novo paradigma de mãe. Trata-se da “mãe tóxica” uma espécie de nova mãe crocodilo, que intoxica com suas palavras e atos as relações com seus filhos, estimula a dependência psíquica e acarreta todos os tipos de impasses para que haja uma separação simbólica. Dificultando o atravessamento da criança pela fase de alienação com o Outro.

Um sujeito só é pai, quando nomeado como tal. Seu lugar se faz dependente do nome. Portanto, a função paterna é de uma restrição ao gozo à estrutura que o inclui, tanto no vetor mãe-filho quanto no gozo que habita o próprio pai. Com isso, a nomeação é que irá proibir e limitar o gozo em diversos sentidos (FLESLER, 2012).

## **2 MÉTODO**

### **2.1 Participantes**

Participaram desta pesquisa 13 (tezes) pais, maiores de dezoito anos, cujos os filhos estavam em atendimento na Clínica-escola de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I.

### **2.2 Instrumentos**

Para a caracterização dos participantes da pesquisa foi utilizada uma ficha de dados sócio demográficos, contemplando, nome, idade, sexo, endereço, via para contato, religião, estado civil, profissão, renda familiar, quantidade de filhos e respectivas idades. Como instrumento para a apreensão dos dados foi utilizada a entrevista com roteiro semiestruturado. A entrevista tinha como objetivo abordar temas como: o motivo pela escolha da maternidade/paternidade, ser mãe/pai na contemporaneidade, modificações da parentalidade entre as gerações passadas e a atual, e, por fim, percepção dos pais sobre seus filhos.

### **2.3 Procedimentos de coleta de dados**

A pesquisa foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba e da instituição – Clínica-escola de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Em seguida, foi realizada a seleção dos participantes, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, as entrevistas seguiram algumas etapas, como, a explicação dos objetivos da pesquisa e demais informações contidas no Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido, e, no Termo de Autorização para Gravação de Voz. A partir do consentimento livre e esclarecido dos participantes, os instrumentos foram aplicados, num único encontro, obedecendo à seguinte ordem: ficha com dados sócio demográfico e a entrevista semiestruturada, no caso da entrevista, as falas foram gravadas com a devida autorização dos participantes.

## **2.4 Procedimentos de análise de dados**

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, privilegiando a repetição significativa presente no discurso, tendo como referência a psicanálise em Freud e Lacan. A pesquisa psicanalítica é como a escrita de um caso clínico, tendo em vista que, o arcabouço teórico de Freud foi construído a partir de sua clínica no *um a um*. Sendo assim, a análise de discurso para a psicanálise configura-se através da escuta do significante que se repete e escapa no discurso daquele que fala. O significante só adquire significado quando repetido e remetido a outro significante, desse modo, deixa-se as marcas do inconsciente, haja vista que o que se repete é a pulsão que insiste para ser ouvida. Diferente, então, da análise de discurso usada pela linguística, em que, destaca-se o signo, porque ele é o portador do significado, ele já contém um significado prévio, sem necessitar que o sujeito o construa (CICCARELLI, 2012; COSTA, 2006; MANZINI, 1990).

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este trabalho objetivou investigar como se configura o desejo de ter um filho na contemporaneidade, e suas implicações no lugar em que a criança vem ocupar no âmbito familiar. Diante disto, a partir da ficha sócio demográfica foi possível traçar o perfil dos participantes, sendo eles, nomeados com nomes fictícios (*tabela 1*). Através da entrevista com o roteiro semiestruturado foi realizado um percurso seguindo os significantes que se repetiram, com isso, foram construídos quatros eixos que norteiam a análise de discurso dos participantes, são eles: desejo: um saber que não se sabe; demanda de amor: a queixa do neurótico; contemporaneidade: declínio do Nome-do-Pai; e, por fim, repetição: “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.

### **3.1 Ficha de dados sócio demográficos: perfil dos participantes**

Na tabela a seguir encontra-se os dados que se mostraram mais relevantes para o desenvolvimento do estudo. Como caracterização dos participantes temos oito mães e

cinco pais, com idade entre 26 e 51 anos. Esses pais têm entre um e quatro filhos, sendo sete com, apenas, um filho; três com dois filhos; dois com três filhos e um com quatro filhos. Diante disto, observa-se que a maioria dos filhos, cujos pais participaram da pesquisa são filhos únicos.

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Quantidade de filhos / sexo</b>	<b>Idade dos filhos</b>
Sol	Feminino	26 anos	1 filha	5 anos
Éris	Feminino	27 anos	1 filho	8 anos
Ceres	Feminino	27 anos	2 filhas e 2 filhos	7 anos, 10 anos, 9 anos e 11anos
Haumea	Feminino	28 anos	1 filha	3 anos
Lua	Feminino	33 anos	2 filhas	2 anos e 5 anos
Marte	Feminino	33 anos	1 filho	7 anos
Vênus	Feminino	42 anos	1 filho e 2 filhas	13 anos, 11 anos e 15 anos
Terra	Feminino	51 anos	2 filhas e 1 filho	10 anos, 24 anos e 22 anos
Netuno	Masculino	26 anos	1 filha	3 anos
Júpiter	Masculino	29 anos	1 filho	9 anos
Mercúrio	Masculino	31 anos	1 filho	8 anos
Urano	Masculino	38 anos	2 filhos	8 anos e 11 anos
Saturno	Masculino	42 anos	2 filhos	8 anos e 16 anos

*Tabela 1 (FONTE: pesquisa realizada com pais, cujos filhos, estavam em atendimento na Clínica-escola de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS I)*

### **3.2 Entrevistas com roteiro semiestruturado**

#### **3.2.1 Desejo: um saber que não se sabe**

O conceito psicanalítico de desejo difere daquele apresentado pela ciência naturalista ou biológica, no que concerne ao que há de fundamental na estruturação do mesmo. A biologia propõe uma filosofia natural para o desejo, como sendo a satisfação de uma necessidade, através de uma ação específica visando a um objeto específico que permite a redução da tensão. A psicanálise configura-o como desnaturalizado e lançado na ordem simbólica, isto é, está no campo subjetivo ligado necessariamente à linguagem, tendo em vista que o inconsciente é estruturado pela linguagem. Desse



modo, como já nos falava Freud o desejo tomado pela psicanálise, é o desejo inconsciente, que não implica uma relação com o objeto real, mas com a fantasia. O desejo realiza-se em objetos, no entanto, nunca é satisfeito. Sendo assim, ele é tomado como uma categoria de estudo, sua apreensão rejeita a ordem de pensamento por implicações da lógica formal (SANTOS 2011; ROZA, 1985).

A estrutura do desejo é constituída a partir da inacessibilidade do objeto, e é isso que o torna indestrutível, na medida que, ele realiza-se nos objetos, mas esses objetos apontam para uma falta. Com isso, ele está presente na ordem simbólica, não sendo assim, um objeto concreto que se oferece ao sujeito. Tendo em vista, a falta como fator primordial que move o desejo, o sujeito encontra-se inserido numa cadeia de significantes, na qual ele desliza, na tentativa de encontrar o objeto que cubra a falta, no entanto, assim que uma falta é tamponada, imediatamente, surge uma insatisfação que mantém o deslizamento constante do desejo nessa rede sem fim de significantes (ROZA, 1985).

Desse modo, observa-se que o filho se apresenta para os pais como o objeto que, a princípio, satisfaz uma falta, sendo assim, muitas vezes os pais não conseguem explicar porque, efetivamente, desejaram ter um filho, pois como sugere, o saber da psicanálise, o desejo é um saber que não se sabe. Isto é observado no discurso de Éris, 27 anos, quando afirma que *“é desejo de ser mãe mesmo, tanto da minha parte como do meu esposo, a gente tinha esse desejo, já fazia quatro anos que a gente era casado, aí desde esse momento a gente sentiu o desejo, era desejo mesmo de ser pai e ser mãe”*. Assim como, afirma Sol, 26 anos *“foi de mim mesmo”*, sem encontrar muitos conceitos ou argumentos para descrever a escolha de ter um filho.

O desejo humano é sempre desejo de outra coisa, diferente daquilo que se apresenta como objeto de satisfação, trazido pela concepção orgânica. Os objetos escolhidos pelos sujeitos como objetos de desejos, são atravessados pela cultura, isto é, pelo simbólico, constituindo as únicas formas pelas quais o desejo pode vir a se expressar, mesmo concebido como jamais passível de satisfação (VIEIRA, 2000). Compreende-se então a máxima lacaniana: "o desejo do homem é o desejo do Outro" (LACAN, 1962-1963). É observável no discurso dos pais contemporâneos quando afirmam que *“assim, o desejo de ter filho eu acho que vem de toda mulher”* (LUA, 33anos). Vênus, 42 anos, também se posiciona diante do seu desejo, e o que o inscreve *“eu acho que eu, era desejo mesmo de ser mãe, e também a minha mãe sempre me disse que a gente tem que ter nossos*

*herdeiros, a continuação nossa, né. E se você não tiver nenhum filho não vai ter essa continuação, vai parar, eu acho que foi mais isso”.* Lua, 33 anos, nos fala:

*“Porque eu acho... é porque vem muito da criação, daquilo que eu te falei e assim eu sempre me vi tendo filhos, eu acho, não sei se é uma coisa que a sociedade antigamente nos impunha, colocava como uma obrigação e eu aderi a esse conceito. Para mim foi uma complementação, uma realização, assim só entende quem é mãe, mas um filho completa, por mais que tenha dificuldades, por mais que você perca noites de sono, por mais que você não tenha dinheiro para ir na esquina comprar uma pipoca, mas é muito bom, é infinito, se você acha que ama seu pai e sua mãe, você não tem ideia do que é um amor de uma mãe e um filho”*

Antes de seu nascimento a criança já é falada, desse modo, ela já ex(iste) no discurso do Outro, ocupando um lugar na família. Os pais depositam investimento libidinal nesse ser que está por vir, sendo assim, destaca-se a importância desse alojamento prévio inerente dos desejos dos pais quando se propõem a ter um filho. Atrelado a esse desejo constrói-se e desperta-se, no melhor dos casos, um sentimento de completude. Esse movimento, levará a criança a se colocar como aquela que, imaginariamente, preenche e satisfaz as expectativas provenientes da falta do Outro (FLESLER, 2012).

A partir do que é dito pelos pais, nota-se que a criança, por um tempo, ocupa esse lugar de completude, e que aos poucos, a criança e os pais, percebem que a falta, ainda, está instaurada, e que eles não se completam. Como afirma Sol, 26 anos, *“(...) tem hora que eu não consigo dizer não para ela (...) só que agora eu também estou aprendendo a dizer o não”*. A fala de uma outra mãe traz, também, essa constatação: *“só vivo para meus filhos, só para meus filhos, mais para nada”* (TERRA, 51 anos). Haumea, 28 anos, fala no lugar do casal parental: *“Eu e meu marido somos muito responsáveis com relação aos compromissos dela, na escola e tudo primeiro as atividades dela, depois as nossas, a gente tem muito disso de priorizar as atividades dela pra ela crescer responsável também”*.

A partir dos discursos dos pais, participantes da pesquisa, observa-se algo pertinente aos processos inconscientes, mas perceptíveis nas lacunas das formulações discursivas. A princípio, a criança é referida como sendo aquilo que satisfaz e preenche aos pais. Na dialética, mãe, criança, falo, o nome do pai comparece de alguma maneira, via o discurso da mãe, e a criança não se acomoda mais nesse lugar daquele que preenche. Na mão dupla desse caminho, o par parental e sua criança, caem na rede significativa de

faltantes e a criança se inaugura desejante. Quando essa operação não se dá, inúmeras outras situações podem se instalar, incluindo-se aí, as psicoses.

Ressalta-se a importância, para criança, dessa fase inicial de identificação com o Outro. Freud (1909/2015) afirma que o romance familiar designa a forma como uma criança se separa da autoridade de seus pais, inventando uma outra família. Através de um conjunto de fantasias, que têm seu fundamento no complexo de Édipo, a criança dá uma versão imaginária aos laços que a unem a seus pais, situando sua família sob o modo de uma ficção. Para que a criança se configure como sujeito neurótico ela precisa viver e atravessar essa fase.

Lacan faz a releitura da obra freudiana recolocando o lugar real que os pais correspondem na produção da estrutura, assim como, a importância para cada sujeito de estar inserido no desejo do Outro. A expressão “desejo dos pais” nos revela dois sentidos: desejo dos pais dirigido a um filho, que contém a variante do lado da mãe e do lado do pai, e, também, desejo dos pais entre eles, como homem e mulher (FLESLER, 2012).

As mães, participantes da pesquisa, relataram como foi para elas sentir essa criança, mesmo antes, de seu nascimento, assim como, durante a gestação e logo após o nascimento: *“era felicidade total, quando ele mexeu pela primeira vez na barriga, cada dia era uma surpresa, cada coisa era uma alegria”* (ÉRIS, 27 anos).

*“Eu curti os meses, eu curti a primeira mexida, eu curti a ultrassom que viu o sexo, eu olhei para o pé e disse que era o pé do pai, que por sinal ela é a cara do pai, cagada e cuspidada, eu curti quando a médica disse que era cesariana, porque ela está sentada e sua placenta está descolada, aí eu: beleza, eu não fui uma pessoa muito traumática não. Quando ela nasceu a emoção é grande, fato”* (LUA, 33anos).

No texto “Duas notas sobre a criança” Lacan (1998) aborda o sintoma da criança a partir de duas vertentes: como sendo capaz de responder o que há de sintomático na estrutura familiar, isto é, ao sintoma do par parental, ou dizendo respeito à subjetividade da mãe como objeto de seu fantasma, revelando a verdade desse objeto.

Quando a criança é sintoma do casal parental está articulada à metáfora paterna, na medida que ela divide a mãe, quando a mãe está dividida, o falo entra como significante da falta, isto é, quando a mãe passa a desejar outras coisas além da criança, assim como, ser causa de desejo para o homem. A criança como sintoma do fantasma materno, ela encontra-se no lugar de objeto dejetado, não existindo a divisão, a criança só preenche.

Assim, a criança “sucumbe como dejetos do par genitor, ou, então, entra, com a mãe numa relação dual que o alicia – para empregar o termo de Lacan – o alicia com fantasia paterna” (MILLER, 1998, p. 8).

Diante disto, observa-se que o desejo para com a parentalidade está diretamente ligado a uma satisfação da falta que se apresenta para os pais. E o objeto de desejo (o filho), a princípio, se apresenta como aquele que, de fato, responde a essa demanda advinda do Outro. No entanto, o lugar que esta criança se posiciona e responde ao que lhe é demandado, posteriormente, diz sobre o seu sintoma. Para Lacan (1998, p. 532) “o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso”.

### **3.2.2 Demanda de amor: a queixa do neurótico**

O amor, é um fenômeno falado e estudado muito antes da psicanálise ser criada por Freud, seja por filósofos, antropólogos, poetas. Sempre se buscou explicações, entendimentos para esse sentimento que toma o sujeito, e o qual ele não sabe falar, explicar. Apesar das modificações trazidas durante as gerações, o homem não abre mão da ilusão de que o amor é o caminho que leva ao encontro da felicidade, como sinônimo de plenitude. Essa plenitude almejada, pela via do amor, é algo inatingível, pois o que se procura no amor, é algo que nunca será encontrado, na medida que, a falta sempre se apresenta para o sujeito neurótico (FERREIRA, 2004).

Desse modo, o amor está articulado com o desejo, pois desejar implica o reconhecimento do desejo e o relançamento do que não se realizou em novas aspirações (FERREIRA, 2004). Isso é observado na fala de Júpiter, 29 anos, ao dizer “*posso dar a ele o que não foi me dado, eu não tive uma figura paterna na minha vida, eu não cheguei a conhecer meu pai, e gosto muito do meu filho, amo muito o meu filho, acho muito bom, muito bom mesmo*”. A partir de uma demanda de amor feita para seus pais que não foi realizada, não foi preenchida, e nunca será! Ele deseja realizá-la oferecendo-a aos seus filhos.

Ferreira (2004) nos diz, ainda, que o amor, o ato de amar, coloca em cena dois lugares, o de sujeito e objeto. O sujeito, é aquele que se abate a experiência de que algo falta, mesmo não tendo conhecimento do que é. O lugar de objeto é preenchido por aquele que mesmo não sabendo o que tem, sabe que alguma coisa o torna especial, e pode oferecer para o outro. Paradoxalmente, o que falta ao que se ocupa do lugar de sujeito é, exatamente, o que o outro não tem. Desse modo, o que lhes falta é o objeto de

desejo, pois esse foi, primordialmente perdido, com isso, o sujeito está sempre diante da falta, no entanto, o desejo é o que lhe move, o que lhe impulsiona na vida.

Nos discursos dos pais, observa-se a frustração por parte deles, por perceberem que seus pais não tiveram para lhes oferecer o que faltava, diante disso, eles se colocam no lugar de objeto, daquele que tem, mesmo que não saibam o que, algo para dar a seus filhos. Mercúrio, 31 anos, nos traz *“às vezes meu pai ia falar, mas não tinha aquele amor de falar, porque era muito filho, ele nem sabia qual estava errado, castigava logo tudo, ai hoje não, hoje eu sou mais presente com o meu filho, as coisas que eu falo ele sempre me obedece.”*

Sendo assim, “dizer que não há o objeto do desejo não significa que não haja uma infinidade de objetos que causam desejo. Mas nenhum desses objetos é Aquele, que se existisse — ah! se ele existisse... — conduziria à felicidade” (FERREIRA, 2004, p.10-11). Portanto, quando os pais relatam que algo lhe faltou na sua relação com seus pais, não significa dizer, que nesses pais não havia algo que fosse causa de desejo para esse filho, porém, o objeto de desejo, aquele o qual o filho espera receber do pai, continuou e continuará em falta! Como observa-se na seguinte fala, que o que faltou a essa mãe, foi o fato de seus pais não serem tão presentes na sua vida escolar, sabendo que se assim fossem, algo novo iria surgir para que a falta se apresentasse.

*“Ah! Tem uma mudança, assim... na minha infância eu lembro que minha mãe trabalhava muito, quase não via minha mãe, em relação também certas situações comigo, quando criança sempre queria que ela fosse comigo pra escola, visse meu andamento, que eu via meus colegas levando os pais né?! Essa parte eles não estavam muito presentes e eu sentia falta disso, e com meu filho é diferente, com meu filho eu tento tá presente o máximo... o que eu posso fazer de diferente pra mudar eu faço, porque é necessário né?! Pra uma criança, você tem que tá... você tem que interagir com ele no mundo dele, no que ele precise... principalmente na parte da escola, isso eu já não tive dos meus pais” (MARTE, 33 anos).*

Portanto, como o objeto de desejo é algo que não será encontrado, logo, o desejo não pode ser, nunca, realizado. Assim, “o destino do homem é ser desejante na lógica do não-todo. A psicanálise nos ensina que o amor não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade), nem o desconforto do homem no mundo” (FERREIRA, 2004, p.10).

A partir do dito lacaniano “todo mundo demanda amor” (LACAN, 1957-1958, p.376). Observa-se na fala dos pais, a demanda de amor pregressa, na medida que, trazem seus pais como aqueles que não souberam, por exemplo, ouvir, dar amor, compreender, então, eles se colocam a disposição para oferecer a seus filhos aquilo que não tiveram. No seminário da transferência (1960-1961), analisando “o banquete”, Lacan nos diz que: “amar é dá o que não se tem”, mas na dialética do desejo de receber se quer dá. Como nos diz Ceres, 27 anos:

*“Amor, amor, atenção que eu não tive muito, compreender mais os filhos nas horas ruins e nas horas boas, porque tem hora que eles estão tristes e meus pais sempre queriam que eu estivesse feliz, criança é para estar sempre feliz, e não! (...) então, mudou muito, do tempo dos meus pais e do meu tempo agora, porque o que eu não tive eu tento proporcionar para eles, eu quero o melhor para eles, sempre!”*

### **3.2.3 Contemporaneidade: declínio do Nome-do-Pai**

Observa-se que o sujeito da contemporaneidade não é o mesmo daquele da época de Freud, que serviu de modelo para suas teorizações, assim como, para o embasamento da primeira clínica lacaniana, na qual Lacan realiza uma releitura das obras freudianas. Nessa época o proibido se destaca, velando o desejo que busca meios de expressão social. Portanto a diferença entre esse sujeito neurótico freudiano e os sujeitos contemporâneos encontra-se no fato de os sujeitos atuais viverem sob a égide do direito de gozar. Com isso, tem-se um sujeito que opera sob o imperativo: Goza! O direito passa para a ordem da obrigação de gozar (MACHADO, 2005).

O pai de família, contemporâneo, abre mão da função simbólica em detrimento de realizações pessoais, individualizadas. Posiciona-se como um homem de anseios e angústia e não mais como o provedor, esteio da moral, da tradição e dos costumes. Sua autoridade se esvazia (MACHADO, 2001). Isto é percebido nos discursos dos entrevistados, em que, denunciam a recusa desse pai, em sustentar a função de patriarca da família. *“É assim, o que eu acho de muito diferente hoje é de pais que só fazem os filhos, não tem aquela responsabilidade de assumir, como tem hoje muita mãe solteira, porque os pais só fazem o filho e não assumem, geralmente sobra para as mães, as avós, o que eu acho de diferente é isso, porque hoje está muito mudado”* (SOL, 26 anos). Nas palavras de outra mãe:

*“Os pais de hoje, os de antigamente eram melhores, porque tinha mais atenção, se preocupava mais com os filhos, os de*

*hoje estão banda voou, tanto faz como tanto fez, está deixando responsabilidades com as mães, não são todos mais eu acho que 80% são assim (...), mas os pais de hoje estão deixando as responsabilidades para as mães (...) a responsabilidade toda hoje é da mãe” (CERES, 27 anos).*

Machado (2001) apresenta algumas consequências, que as mudanças ocorridas com o Nome-do-Pai – metáfora paterna, trouxeram no âmbito familiar:

Os filhos não mais supõem ao pai um saber e uma autoridade. A sociedade mudou tanto tão rapidamente, a tecnologia se impôs de tal forma que, hoje, os filhos, mais permeáveis ao novo, sabem mais que os pais, mandam mais que os pais. O vetor da obediência se inverteu: o pai que podia tudo sobre os filhos, a quem era franqueado a imposição de valores, se vê, atualmente, como aquele que tem que servir aos filhos em detrimento dos seus próprios ideais. O pai deixa de ter força coercitiva e passa à permissividade, perde a eficácia simbólica e passa à homogeneização.

Os pais, ao falarem sobre como eles enxergam a nova configuração da sociedade, as novas formas de subjetivação, confirmam o que foi dito por Machado (2001), na medida que, relatam como estão vivenciando esse momento em que o Nome-do-Pai está enfraquecido, e por que não dizer, desfalecendo. Éris, 27 anos, afirma que:

*“Eu não sei, é uma coisa que não sei, não sei se é porque naquele tempo os pais tinham mais autoridade com os filhos, e hoje eu acho, as vezes chega o momento de pensar assim, eu vejo a criação dos tios, das tias, essas coisas, as vezes eu penso assim, que até os filhos tem uma autoridade com os pais, os pais perderam... tem famílias que os pais perderam a autoridade para com os filhos, é o que eu vejo do meu ponto de vista.”*

Ressaltam, como operava a metáfora paterna na geração posterior a deles, como vigorava a lei, advinda do pai. Aquele pai agente da castração, que apenas com um olhar já expressava sua autoridade. Como afirma, Sol, 26 anos:

*“Eu acho que os pais de antigamente eram mais rigorosos, os de hoje cedem mais aos caprichos dos filhos, eu digo assim porque eu como mãe, sabe. Porque eu vejo que antigamente minha mãe só bastava ela olhar para mim, e já eu e minha irmã não temos com os nossos filhos aquele controle que minha mãe tinha com a gente. É isso que eu vejo de diferença. ”*

E Vênus, 42 anos nos fala que “para os meus pais foi mais fácil, para eles criarem os filhos, os filhos obedeciam mais, os filhos temiam mais, essa é a verdade. Hoje em dia os filhos não temem mais o pai, nem a mãe e nem mais ninguém, e a gente convive com medo. ”

Através das entrevistas realizadas observa-se falência do significante Nome-do-Pai, a partir dos discursos das mães, as quais, se colocam como dando conta da parentalidade, sendo capaz de exercer, com excelência, a função materna e paterna. Como observa-se na seguinte fala: *“Mas para mim eu sou mãe e pai, não me arrependo de ter tido meus filhos não. Sou muito bem, criei eles só, mas para mim o pai não faz falta não, graças a Deus”* (TERRA, 51 anos).

A sociedade contemporânea desloca os padrões verticais os quais regia o sujeito, para horizontalizar o laço social, exigindo uma nova configuração do pai, distinta da que se sustentava o homem moderno. As relações estão em um patamar igualitário, como afirma Urano, 38 anos *“hoje os pais são mais flexíveis, flexíveis entre aspas né, porque com ignorância eu acho que não vai chegar em lugar nenhum, porque hoje, muitos pais é né, e eu não critico os pais. E antigamente, também, a educação era mais autoridade só dos pais, e hoje inclui mãe e pai.”*. Esse discurso, mostra que a mãe, hoje, é convocada para atuar, também, no lugar de autoridade, revelando a relação horizontal, na qual a nova configuração familiar rege.

### **3.2.4 Repetição: “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”**

Para a teoria psicanalítica a criança ao nascer depende do par parental que o desejou, configurando, assim, o desejo do desejo de um Outro, no entanto, é necessário também, a cultura e contexto familiar, pois é esse conjunto que o insere na linguagem, produzindo, com isso, a constituição psíquica do sujeito. Esse é um dos aspectos que o homem difere dos outros animais, tendo em vista que o recém-nascido necessita de um outro tutelar que fundamente e dê sentido simbólico a sua entrada ao mundo. A respeito disso, “Freud já apontava para o fato de que, apesar da importância do conceito complexo de Édipo, é necessário considerar que os lugares dessa estrutura são ocupados por pais e mães, homens e mulheres “encarnados” por pais da realidade, não apenas simbólicos” (FILHO & CHAVES, 2014, p.111).

Este não é um processo simples, pelo contrário, pois a criança chega ao mundo marcado por um ideal alimentado no imaginário da família que o constituiu. Desse modo, o bebê está envolto por um mito que requer bem mais do que ele pode oferecer. Quando o imaginário consegue certo revestimento simbólico, e o par genitor se apropria das ilusões de respostas que a criança pode dá, o mito familiar se reordena em torno do novo ser, e a construção do laço parental segue com as singularidades pertinentes de cada par. Freud (1909/2015) afirma que o romance familiar designa a maneira como a



criança se separa da autoridade de seus pais, inventando uma outra família, por meio de um conjunto de fantasias que se fundamenta no complexo de Édipo, na medida que a criança constrói no imaginário os laços que a unem a seus pais, envolvendo sua família em um mito.

Esse circuito do romance familiar é repetido entre as gerações de modo consciente, no entanto, não se dá, apenas, nesse campo, pois está preso às redes significantes do desejo pulsional que direciona o sujeito a compulsão a repetição das insígnias de pertença familiar. Como se observa no discurso de Éris, 27 anos, *“mas em questão de amor, o amor que eu recebi dos meus pais, eu posso dizer, que hoje eu repasso para ele, eu fui uma criança amada tanto pelo meu pai quanto pela minha mãe”*. A mãe relata de maneira consciente o amor que recebeu dos seus pais, e o desejo dela em repassar para seu filho todo o sentimento de amor que havia recebido. No entanto, essa repetição está envolvida, também, na cadeia de significantes a qual está presa.

Desse modo, a repetição esteve presente na psicanálise desde os seus primórdios, quando, ainda, se utilizava o método hipnótico, que se baseava na recordação e ab-reação. Freud em seu texto “Recordar, Repetir e elaborar” (1914/2010, p.196) afirma que “naqueles tratamentos hipnóticos o recordar se configurava de forma bem simples. O paciente se punha numa situação anterior, que não precisava jamais se confundir com o presente, comunicava os processos psíquicos da mesma”. Ao repensar a clínica, Freud, abandona esse método, em favor de uma nova concepção – a regra das associações livres, a qual, foi um marco para a clínica psicanalítica. Sobre esse novo método analítico Freud (1914/2010, p.199-200) nos traz:

Aplicando a nova técnica restará muito pouco, com frequência nada, daquele transcurso agradavelmente suave, também surgem casos que até certo ponto se comportam como na técnica hipnótica e somente depois divergem; outros agem diferentemente desde o princípio. Se nos determos a esse último tipo para caracterizar a diferença, é licito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz.

Por meio desta citação de Freud, observa-se que a recordação está relacionada a uma memória daquilo que pode ser lembrado, enquanto que a repetição está, diretamente, ligada à atuação. Repete-se, ou atua-se, aquilo que não pode ser lembrado. A repetição se apresenta na análise como uma força que atualiza componentes psíquicos que antes não podiam ser recordados. Desse modo, resistência a repetição é uma força

atual, contrapondo-se à recordação, que marca um acontecimento bem definido do passado (ALMEIDA & ATALLAH, 2008).

Sobre a diferença entre recordação e repetição Lacan (1988, p.52) afirma “nessa ocasião, eu lhes mostro que, nos textos de Freud, repetição não é reprodução. Jamais qualquer oscilação sobre este ponto — *Wiederholen* não é *Reproduzieren*. Reproduzir é o que se acreditava poder fazer no tempo das grandes experiências de catarse”. Para Lacan, a repetição está ligada ao *objeto a*, elemento excluído da cadeia de significantes, portanto, é em torno dele que ela gira. Isto é, o sujeito tem o desejo preso às redes do circuito pulsional, por isso a compulsão a repetir. É a busca do objeto perdido (*objeto a*) que repete tentando encontrar, no entanto, esse objeto que jamais será reencontrado. Esse é o motor que move o sujeito, a falta.

A partir dos discursos apresentados pelos pais, participantes da pesquisa, foi percebido que, apesar, das novas configurações da sociedade contemporânea, existe, paradoxalmente, uma tentativa de manter em vigor o “pai” das gerações passadas. Aquele que sua presença era entendida com o ideal identificatório, principal em toda forma de laço social, em contrapartida, o pai da contemporaneidade, não se sustenta como modelo, que deixe a marca de ideal, o patriarca está em declínio. De acordo com Oliveira (2006), o pai se refere ao significante do Nome-do-Pai, desse modo, a metáfora paterna é uma operação que substitui os significantes, com efeito de ordenar o Outro da linguagem com o significante do desejo. Esse significante opera submetendo o ser de gozo do sujeito à lei fálica do desejo.

A fala de uma das mães, Lua (33 anos), nos traz:

*“Assim, fora essa questão de meus pais terem que trabalhar o dia todo, de manhã a gente ficava com empregada e de tarde na escola, mas assim, eles sempre foram muito presentes, e eu acho que eu também consigo ser bem presente na vida das minhas filhas. Assim, eu não vejo muita diferença da criação que eu estou dando as minhas filhas da que eu tive não”.*

O discurso dessa mãe apresenta o modo de “criação” de suas filhas, o qual tem por inspiração os seus pais, que apesar da ausência física (relatada por ela) durante o dia, Lua, de algum modo, consegue fazer os pais presentes, mesmo tendo que trabalhar todo dia. É possível, também, notar na fala de Netuno, 26 anos, quando diz: *“eu tento muito ser, assim, o que o meu pai foi para mim, eu tento ser para ela o que meu pai foi para mim, meu pai foi sempre muito, meu amigo conselheiro”.*

Desse modo, os pais evidenciam o desejo de repetir com seus filhos, o que receberam de seus pais, isto é, repetir o mito familiar, do qual cada um, de modo singular, vivencia e está inserido. No entanto, essa repetição se desenvolve de tal modo, que não é uma mera reprodução do que foi vivido, *a priori*, mas uma repetição que porta algo novo, que tem relação direta com o desejo único de cada pai e mãe. Roza (1988, p.24) traz dois tipos de repetição: “a repetição do “mesmo” e a repetição diferencial; enquanto a primeira se aproxima da reprodução (na medida em que é estereotipada), a segunda é produtora de novidade e, portanto, fonte de transformações”. Isto é observado quando Saturno, 42 anos diz:

*“Eu vejo que não mudou muita coisa não, porque quando a gente era criança tinha aquele afeto, todo um sistema dentro de casa. O meu pai sempre foi mais reservado, mas antigo, mais “ignorantão”, dava o afeto do jeito dele e a gente entendia, porque ele era mais preocupado com trabalho, esses negócios. Eu também, as vezes sou durão também, não gosto de estar abraçando, eu abraço mais não tem aquele chamego todo, eu acho que puxei isso mais do meu pai. ”*

A fala desse pai, mostra como ele repete o modo mais reservado do pai, no entanto, traz algo novo, essa tentativa de expressar mais seus sentimentos, de maneira que possa ser percebido pelo outro, mas resguardando a herança de seu pai. Roza (1988, p.24) afirma que “o estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que ao mesmo tempo se apresenta como diferente.”. Sendo assim, por mais estranho que se coloque para Saturno como seu pai se expressava, isso se repete na sua relação com seus filhos, porém, houve modificação, um novo que surge.

Portanto, é notório a tentativa de repetição do mito familiar, mas ressalta-se, também, o que há de novo na instauração desses novos pais. Roza (1988), mais uma vez, afirma que a repetição, enquanto diferencial, sempre implica o novo, demandado o acaso.

Nesse sentido, para Deleuze (2006) a repetição não é uma generalidade, tão pouco uma semelhança, na verdade ela é o oposto, pois diz respeito a uma singularidade que não é substituível.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa desenvolvida propôs analisar e refletir acerca da configuração do desejo de ter um filho na contemporaneidade, e as implicações desse desejo na constituição do sujeito que está por vir. Tendo como, referencial a pesquisa em psicanálise, essa

constitui-se como uma ciência do singular e seu objeto de estudo são as manifestações inconscientes, captadas a partir do momento em que o sujeito se propõe a falar, pois em seu discurso algo sempre escapa nas lacunas dos significantes que se repetem, e é, justamente isso que nos fornece as pistas sobre os conteúdos inconscientes. Esta pesquisa foi proposta a partir da problemática que envolve o desejo na contemporaneidade, especificamente, o de ter um filho, assim como, o lugar que ele ocupa no discurso do Outro. E foi possível constatar, a partir de uma busca nas produções científicas, sobre a temática em questão, a necessidade de maiores estudos que ofereçam suporte teórico para a atuação prática com os sujeitos em discussão. Pois, é sabido que o modo como se inscreve o desejo dos pais na constituição da criança acarreta consequências no seu modo de existir.

A partir dos resultados encontrados, através da escuta dos significantes que se repetiram nos discursos dos pais entrevistados, foi possível alcançar os objetivos propostos inicialmente para o desenvolvimento da pesquisa. Na medida que, identifica-se no recorte de fala, desse grupo estudado, quais significantes estão inscrevendo o desejo desses pais contemporâneos, e por meio deles, o lugar ocupado pela criança nos discursos de seus pais. Constatou-se também, que esse desejo é marcado pelo romance familiar vivenciado por cada um, de acordo com o mito familiar construído por eles. Observa-se, em cada genitor, as marcas de sua constituição como sujeito carimbadas no dito sobre a sua criança, especialmente, ao relatarem o que permanece ou difere da relação que vivenciaram com seus pais, para a relação com seus filhos, hoje. Desse modo, contemplando mais um dos objetivos estabelecidos para a realização desse estudo.

Portanto, conclui-se ressaltando a importância desse lugar oferecido a criança no desejo dos parceiros que se propõem a serem pais. Tendo em vista que, ele é fundamental para que este sujeito se constitua enquanto ser desejante, movido por uma falta que impulsiona e dá movimento a sua passagem no mundo. No entanto, é imprescindível que se considere, também, o modo como se configura o desejo como homem e mulher se enlaça, pois ele condiciona e possibilita a condição de sujeito, sendo assim, a criança ocupa o lugar de objeto de desejo. Porém, quando ocorre desse desejo concentrar-se, exclusivamente, no filho, a criança passa a funcionar como condensador de gozo, logo, ocupando o lugar de objeto de gozo.

## ABSTRACT

Existing does not correspond to live. For this reason, a child already takes place in the family before its physical arrival into the world. Although the previous dwelling is a necessary condition for the birth, however, it is not always noticed as something important. At this early time there is a departure from any biological connotation, and depends on a symbolic construction related to the parents' desire when they decide to have a child. Therefore, the existence of a human being has been tied to the Other's desire. Thus, this paper aims to analyze in the speech of contemporary parents, the desire configuration to have a child, for this, the sample of this research is composed of 13 (thirteen) parents, older than eighteen years-old, whose children were in care in clinical school of psychology at the *Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus I*. Considering that this study is based on Freudian and Lacanian psychoanalysis theoretical background, it is not subject to control and experimental replication, because the research in psychoanalysis aims to be a knowledge of the singular, with unconscious manifestations and produced gaps as the central object in the subjects' speech. However, reading the One, it can be inferred in the interviews the signifier repetition that permitted the determination of the following areas: desire: knowledge that is not known; demand for love: the complaint of the neurotic; contemporaneity: decline of the Name-of-the-Father; and repetition: "we are still the same and live like our parents." The path developed in this research allowed to verify that the desire of having a child is marked by family romance experienced by each one, according to the family myth built by them.

**Keywords:** desire of parental pair, subject constitution, contemporaneity.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. **O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica**. Vol. 16, n.2. Rio de Janeiro: Ágora, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, de Sérgio. **O que quer a mãe, hoje?** *In.*: Maternidades contemporâneas. Curinga. Vol. 1. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n.40, outubro de 2015.

CICCARELLI, P. R. **Considerações sobre Pesquisa em Psicanálise**. In *Psicologia: diálogos contemporâneos*. Melo & Júnior (org.), Curitiba: CRV, p. 137 – 146, 2012.

COSTA, A; POLI, M. C. **Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise**. Pulsional: Revista de Psicanálise, v. 19, n. 188, 2006.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FERREIRA, Nadiá P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FILHO, J. G. T. de C.; CHAVES, W. C. **A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan**. Barbarói: Santa Cruz do Sul, n.41, p. 110-118, 2014.

FORBES, Jorge. **A psicanálise do homem desbussolado**. *In.*: Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI. Barueri – SP: Manole, 2012.

FLESLER, Alba. **Os pais**. *In.*: A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_ **A criança em análise**. *In.*: A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização**. *In.*: Obras completas; tradução Paulo César de Souza. Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1909). **O romance familiar dos neuróticos**. *In.*: Obras completas; tradução Paulo César de Souza. Vol VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_ (1914). **Recordar, Repetir e Elaborar**. *In.*: Obras completas; tradução Paulo César de Souza. Vol. X. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1988)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_ **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

\_\_\_\_\_ **A Instância da letra no inconsciente**. *In.*: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ **Dois Notas sobre a criança**. *In.*: Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. N. 21. São Paulo, Edições Eolia, 1998.

\_\_\_\_\_ **O seminário, livro 8: A transferência (1960-1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.

\_\_\_\_\_ **O seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_ **Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre, Sulina, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. **A clínica do sintoma e o sujeito contemporâneo**. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGTP, 2005.

\_\_\_\_\_ **O tempo na contemporaneidade.** *In:* Simpósio Sintomas, discursos e laços sociais. Anais do I Simpósio Sintomas, discurso e laços sociais. Rio de Janeiro: Sephora-UFRJ-FUJB, p. 72-78, 2001.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Apoio: CNPq. 1990, Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IIisipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> Acesso em: 10 de Abril de 2016.

MILLER, Jacques-Alain. **Uma fantasia.** *In.:* Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. n.42. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_ **A criança entre a mulher e a mãe.** *In.:* Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. n.º21. São Paulo, Edições Eolia, 1998.

NEPOMIACHI, Ricardo. **Imagem, Satisfação e desubjetivação.** *In.:* Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. n.42. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, S.M.E. **Versões do pai no ensino de Lacan.** Agenda da Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, 2006.

ROSA, Miriam Debieux; LACET, Cristine. **A criança na contemporaneidade: entre saber e gozo.** Estilos clin. São Paulo, v. 17, n. 2, jul./dez, 2012.

ROZA, Luiz Alfredo Garcia. **O desejo.** *In.:* Freud e o inconsciente. 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_ **Acaso a repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SANTOS, A. J.; **Do Gozo à Falta: o sujeito e o enlaçamento entre o sintoma e o desejo.** *In:* VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC. Trabalhos completos do VI Congresso Nacional de Psicanálise da UCF, 2011.

VIEIRA, M. A.. **Entre desejo e gozo: Freud, Lacan e a ética da psicanálise.** Saúde, Sexo e Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. VII, p. 42-50, 2000.